



IMPRESA
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 17

Vitória-ES

Setembro de 2013

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Um palácio e suas riquezas



Seguinte:

Mostra capixaba reúne 96 artistas plásticos contemporâneos

A exibição de 110 obras de 96 artistas capixabas e daqueles que aqui se radicaram revela a atual produção de artes plásticas no Espírito Santo e vai até o dia 6 de outubro, no Palácio Anchieta, em Vitória. A mostra 'X Vitória em Arte' ocupa, desde 27 de agosto, o Salão Afonso Brás e salas anexas. A realização é do Sindicato dos Artistas Plásticos Profissionais do Espírito Santo (Sindiappes) e da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), em parceria com o Instituto Sincades.

Além da exposição, haverá uma série de atividades educativas no auditório do Palácio Anchieta, com capacidade para 70 pessoas, e na sala anexa ao pátio. Serão realizados, por exemplo, encontros de capacitação com professores das redes estadual, municipal e particular, que receberão também kits educativos com o tema "Palácio Anchieta e Seu Entorno".

A mostra conta ainda com uma exposição de obras que abordam o Centro de Vitória, pertencentes ao acervo do Palácio Anchieta, na sala Espaço Cultura, no corredor próximo ao Salão Afonso Brás e no corredor próximo ao pátio interno. Também no auditório, serão realizadas palestras com os professores do Centro de Artes da Ufes



Alexandre Emerick e Almerinda Lopes e o pintor e escritor Gilbert Chaudanne. Os dois primeiros falarão, respectivamente, sobre arte contemporânea e a paisagem na arte, enquanto Chaudanne vai abordar a arte naïf.

O governador Renato Casagrande participou da solenidade e, entre as autoridades presentes estavam o secretário de Estado da Cultura, Maurício Silva; a diretora do Museu de Arte do Espírito Santo, Anna Saiter; o presidente do Sindiappes, Cacá Benevides; e o presidente do Instituto Sincades, Idalberto Moro.

Casagrande destacou a qualidade da produção artística do Estado. "Trazer uma exposição de capixabas para o

Palácio Anchieta, que já recebeu obras de artistas renomados no mundo todo, tem símbolos diversos. É, primeiramente, a valorização dos artistas capixabas, e uma forma de mostrar obras como estas, que encantam qualquer cidadão do Brasil e de fora do Brasil. É a valorização da atividade cultural que busca o talento para fazer a inclusão, a projeção e a construção da identidade do nosso povo, para consolidar a nossa personalidade", afirmou.

Serviço

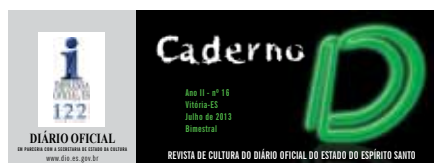
X Vitória em Arte

Local: Palácio Anchieta, Praça João Clímaco, s/n, Cidade Alta, Centro, Vitória

Visitação: de 28 de agosto a 6 de outubro, de terça a sexta, das 9h às 17h; sábado, das 10h às 17h; domingo e feriado, das 10h às 16h.

Agendamento de visitas: de segunda a sexta, das 8h às 18h: (27) 3636-1032 e (27) 3636-1048 e agendamento@palacioanchieta.es.gov.br

Entrada gratuita



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

AMINTHAS LOUREIRO JÚNIOR
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretora Administrativa-Financeira

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Caê Guimarães
Gilberto Medeiros

Revisão

Erlon Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado nos sites www.dio.es.gov.br e www.secult.es.gov.br



ENTREVISTA

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Paulo Branco



Fábio Mozine



Kinho Sucupira



José Roberto

O rock, vai bem obrigado

Vira-e-mexe o rock envolve-se numa polêmica. Na ansia de serem profetas de um novo amanhã musical, jornalistas, produtores e até roqueiros apressam-se em sepultar esse gênero tão rebelde e tão afeito à indústria cultural.

O imbróglio da vez foi provocado dentro de casa: o roqueiro Lobão dedicou um capítulo inteiro de seu novo livro (Manifesto do nada na terra do nunca) para mostrar como o Brasil “sempre vai enterrando a história dos movimentos de rock. Enterra a grande maioria, e o que resta traveste de algo adocicado, morno, molenga ou brega, como aconteceu com a Jovem Guarda, como aconteceu com a Tropicália e com a geração dos anos 1980”, disparou.

Caderno D consultou especialistas de diferentes gerações nesse estilo musical (e fenômeno de comportamento) para saber: O rock morreu?

Paulo Branco é cantor, compositor, letrista, guitarrista, produtor e arranjador desde os anos 1970. Fábio Mozine fundou a banda Mukeka di Rato há 18 anos e sua própria gravadora, a Lãjá Records, que já fez 145 lançamentos em 15 anos. E Kinho Sucupira é guitarrista desde 1997 e há seis anos mantém uma loja dedicada a camisetas e artigos de rock, a Órbita Rock. José Roberto Santos Neves é baterista desde o final dos anos 1980, jornalista de cultura e escreveu três livros sobre música, entre eles 'Rockrise, a história de uma geração que fez barulho no Espírito Santo'. Fizemos duas perguntas idênticas a todos.

Caderno D – O rock morreu?

Paulo Branco – Essa frase eu já ouvi muitas vezes na vida. A gente já fazia rock e o Lobão nem tinha nascido ainda. Nem ele nem ninguém tem autoridade para dizer que o rock acabou. O rock mudou, mas nunca acabou e nem vai acabar. O que acabou foi o sonho da juventude dos anos 1960 querendo mudar o mundo.

Fábio Mozine – Nenhum estilo de música/ideológico/moda morre. O funk, o punk, nada some, nada desaparece. É obvio que às vezes o que está visível na TV, nas revistas é um determinado estilo. Às vezes vizinhos ou parentes me perguntam se a minha banda acabou porque faz muito tempo que eles não ouvem falar nada. Porém, a gente

tá tocando constantemente dentro de uma cena, para um público pagando, em festivais independentes ou até mesmo fora do País. Isso acontece com uma centena de bandas que encontram o seu próprio nicho, sua própria cena, e se mantem assim durante anos, não tem nada morto não.

Kinho Sucupira – O rock não morreu nem vai morrer jamais! O rock continua vivo pela sua qualidade e imensa diversidade, razão essa que lhe deu essa longevidade. Talvez por isso o rock em geral não precise mais de alguém pra o manter vivo de forma direta. Pois já está fortemente estabelecido.


José Roberto – Parafraseando Nelson Sargento, o rock agoniza, mas não morre. O rock vive uma crise de renovação, mas o Lobão é sempre exagerado. É até clichê, mas sempre vai ter um moleque tocando guitarra, querendo mudar o status quo, a política, o rock é uma força de expressão da juventude. O rock não é a bola da vez da indústria e da mídia, mas voltou pro underground, voltou pro gueto e se mantém vivo.

Caderno D – Quem mantém o rock vivo?

Paulo Branco – Neil Young, Peter Frampton, Brian Wilson, Eric Clapton, os Stones, Led Zeppelin voltando, Dave Grohl. O Alexandre Lime é um grande guitarrista, tem o Gabriel Ruy, o Saulinho Simonassi... gosto da banda Aurora Gordon.

Fábio Mozine – As próprias bandas, que viajam pra tocar, as vezes por conta própria, as pequenas gravadoras que insistem em lançar material, divulgar, os jornalistas musicais, que publicam material em blogs, pequenas revistas e o próprio publico.

Kinho Sucupira – As cenas locais são mantidas vivas pelo underground! No Espírito Santo não é diferente, as bandas do underground mantém a chama acesa e a galera nos dias atuais esta respondendo como nunca antes.

José Roberto – Diante da crise, são os dinossauros. Black Sabbath tá de volta, Metallica e Iron Maiden estão no Rock in Rio, AC/DC tá gravando, Bob Dylan, os Stones. O que me preocupa é que para levar 200 mil pessoas a um festival, é preciso convidar bandas com 30, 40 anos de estrada. 



Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro

CAPA



Alvaro Conde



Win L. Vandick



Johann Georg Grimm

Palácio Anchieta De en



Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro

Mais de 520 mil pessoas já passaram pelos corredores e salas do Espaço Cultural do Palácio Anchieta em três anos de funcionamento. Entre exposições itinerantes sobre Leonardo Da Vinci, Modigliani e Monet, sobressaem as pinturas do acervo do palácio, em permanente visita pública. Não são autores tão importantes para o Mundo que ali encontram abrigo, mas as obras de Levino Fânzeres, Homero Massena, Alvaro Conde, Theodoro de Bona e Celina Rodrigues são vitais na história capixaba.

Juntam-se a eles tantos outros visitantes que se encantaram com nossas paisa-

gens ainda rurais da primeira metade do Século 20, ou que presentearam os mandatários do Estado de então com retratos de personalidades e de localidades de outros Estados e até países, como a tela do holandês Win Van Dijk (Patinadores num Canal - Amsterdam), datada de 1944.

Os visitantes e estrangeiros, inclusive, contribuíram com muitas obras, como o autor da pintura mais antiga do acervo, datada de 1886. O alemão Johann Georg Grimm pintou em óleo sobre tela (Sem Título, 1886) a Fazenda Glória do Mundo, no Rio de Janeiro. A obra foi tombada pelo Conselho Estadual de Cultura, assim como a tela do russo Paulo Gagarin (Marinha, 1922).

Um dos fundadores da Sociedade Pró-





mm



Celina Rodrigues



Homero Massena

Fotos:Alair Caliar/Governo do ES

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

cher os olhos


-Arte Moderna em 1932, o italiano Vittorio Gobbis entrou para o calendário de exposições do Teatro Carlos Gomes em 1952. Ele foi tão impactado pela exuberância natural do Espírito Santo que concorreu às mais altas premiações do XVIII Salão Paulista, da II Bienal de São Paulo (1953) e do XX Salão Paulista de Belas-Artes (1956) com obras criadas a partir de paisagens e motivos capixabas.

Ao abrir as portas para os visitantes da 10ª Vitória em Arte, a partir de 27 de agosto, o Espaço Cultural do Palácio Anchieta traz para o público um panorama atual da produção dos artistas capixabas. Cumprindo sua missão de manter ali, entre paredes do Século 16 e smartphones

do 21, parte da memória política e cultural do Espírito Santo.

Pois é, na Sede Oficial do governo do Estado – “a mais antiga do Brasil”, orgulha-se a administradora do palácio e chefe do Cerimonial do governo Hilda Cabas – encontra abrigo um acervo de pinturas que retratam principalmente paisagens capixabas pinceladas, entre outros, por Levino Fânzeres, Homero Massena, Alvaro Conde e Celina Rodrigues.

Este novo momento do Palácio Anchieta dividir as instalações do Poder Político capixaba com os registros da memória de nossa história foi definido pelo governador

Renato Casagrande, no livro ‘O acervo de pinturas do Palácio Anchieta – história e restauração’, como uma viagem através dos tempos. Ele ressaltou a força dos valores de pertencimento e orgulho de nossas raízes, sentimento revigorado ao contemplar o patrimônio histórico. 



Serviço: Exposição permanente do acervo de artes plásticas do Palácio Anchieta
Espaço Cultural Palácio Anchieta
Local: Palácio Anchieta, Praça João Clímaco, s/n, Cidade Alta, Centro, Vitória
Visitação: de terça-feira à sexta-feira de 9 horas até 18h e sábado e domingo de 9h às 17h.
Agendamento de visitas: de segunda a sexta, das 8h às 18h pelos telefones (27) 3636-1032 e (27) 3636-1048 ou pelo e-mail agendamento@palacioanchieta.es.gov.br
Entrada gratuita

CAPA



Homero Massena



Homero Massena



Lacunha



Homero Massena



Luiz Fraga



Abertos à visitação, o Salão Nobre (1), o Salão Negro e sua mesa de banquetes (3), a varanda como foi o Gabinete do governador (2), onde ele

Glamour e o antes e o depois das resta

Sede de governo mais antiga do Brasil, o Palácio Anchieta entrou de vez para o roteiro de visitação pública após as restaurações do prédio e de seu acervo de pinturas. Mas nem sempre o glamour esteve garantido no cotidiano palaciano, ou mesmo em momentos especiais. Como na recepção oferecida ao ex-governador Carlos Lindemberg, que completava 90 anos – e a administradora do palácio se viu obrigada a correr para comprar utensílios de cozinha e aparato para receber os convidados, pois a casa tinha apenas talheres.

“Foi uma correria, mas deu certo ao final”, recordou Hilda Cabas, que trabalha há 32 anos no Palácio Anchieta, período em que dividiu-se entre a administração do prédio e o cerimonial – e hoje acumula as duas funções.

Cerimonial provocada pelas reformas do palácio e do acervo de pinturas?

Hilda Cabas - Foi uma diferença enorme. O palácio estava em ruínas, era tudo muito difícil para receber as pessoas. Para o cerimonial e a administração do prédio foi maravilhoso. Quando vi o palácio pronto eu chorei de emoção.



A dinâmica do nosso trabalho agora é outra. Hoje nós temos uma cozinha decente, dois salões para receber as pessoas. Batizei os dois: o São Thiago e o Afonso Brás. Temos um auditório para cinquenta

Caderno D - Qual a interferência no



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br



nda da sala do piano (4) e a entrada principal do palácio Anchieta (5) foram restaurados, recebe pessoas para trabalhar e fazer reuniões.

saia-justa, restaurações na sede do governo

o: Gilberto Medeiros pessoas.

O Poço dos Jesuítas ficou lindo! Antes estava aterrado, agora ficou um lugar lindo onde fazemos recepções, é um local maravilhoso.

E como era antes?

Antes nos envergonhava o palácio. Na hora de receber visitantes para o governador, era uma vergonha. Já passamos aperto para dar conta. A cozinha não era adequada e a única coisa que não precisei comprar novamente foram os talheres.



falta de estrutura do palácio?

No aniversário de 90 anos do Carlos Lindenberg, o governador Max Mauro ofereceu um almoço aqui, mas a gente não tinha quase nada! Foi uma saia-justa mesmo! Nós não tínhamos louça, era uma pobreza total, como falei, a cozinha não era adequada, praticamente só havia os talheres. Eu tive de correr e comprar muita coisa para arrumar mais ou menos.

Em outras ocasiões muitas vezes eu tinha de trazer alguma coisa da minha casa para usar aqui.

O que dizem os visitantes?

Mas é tanto elogio que eu acho que é só para agradecer! Eles acham o palácio lindo. O que muitos não sabem que esta é a sede de governo mais antiga do Brasil. Então o palácio reformado causa uma surpresa, as pessoas ficam encantadas.

Já passou alguma saia-justa por causa da



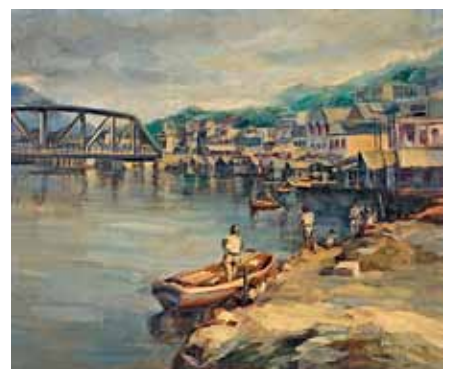
Virginia G. Tamanini



A. Ghiu



Levino Fazeres



Nair Vervloet



Anibal Matos

CAPA



Pevalle



Carlos Gomes



Susana Villaça



Luiz de Souza Guimarães



Assis



Izabel Braga



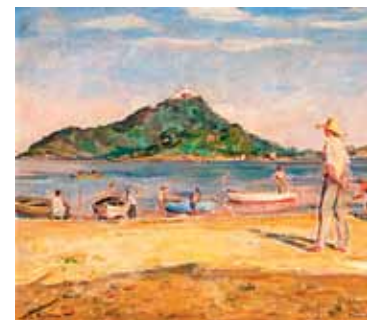
Victório Gobbi



Ricardo Menescal



Bustamante Sá



Theodoro de Bona

Entre cotonetes, microscópios e restauração, as obras ressurtem

foto: Gilberto Medeiros

Cores, texturas e luzes de 47 pinturas do acervo do Palácio Anchieta ressurgiram após dois anos de investigação e restauração e passaram a integrar a exposição permanente do Espaço Cultural da sede do governo do Estado.

O trabalho foi realizado pelo Núcleo de Restauração e Conservação da Universidade Federal do Espírito Santo, que lançou mão das mais variadas tecnologias, desde o uso de cotonetes, passando por raios ultravioleta e microscópios. No período, a equipe formada por uma técnica, três bolsistas e cinco ex-alunos foi coordenado por Gilca Flores de Medeiros e Atílio Colnago, professores do Departamento de Artes e co-autores do livro 'O acervo de pinturas do Palácio Anchieta - História e Restauração', publicado em 2012.



Caderno D - Professora, como a senhora resume o processo de restauração?

Gilca Flores de Medeiros - Em 2009 a gente conseguiu aprovação do projeto para restauração de um grupo de 47 obras do acervo. As obras restauradas foram apresentadas em outubro de 2012, quando fizemos o segundo seminário do Núcleo de Conservação e Restauração da Ufes com o tema de 'Paisagem - do Panorama

ao Pertencimento'. Pegamos a temática da maior parte das obras, que é a paisagem, muitas delas paisagens capixabas. A gente montou duas exposições paralelas ao seminário e também com foco na paisagem. Uma na Galeria de Arte e Pesquisa e outra na Galeria Espaço Universitário.

Qual a principal característica técnica das obras?

São pinturas de cavalete, a maior parte delas de paisagem, a maioria é de



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Waleska Fraga Nascimento



Homero Massena



Odalva Guimarães

Microscópios e raios ultravioleta para obras originais

telas médias, medindo 70 centímetros X 50 centímetros. Boa parte dessas paisagens retratam o Espírito Santo e o pintor que tem uma maior incidência de obras é o Homero Massena, mas a gente também tem Levino Fanzeres, Celina Rodrigues, e outros pintores de importância local.



São obras de um mesmo período?

A maior parte é do Século 20. Há apenas uma obra que é do Século 19, uma obra do George Grimm, que é a de maior valor do acervo. É a pintura de uma fazenda em Resende, no Rio de Janeiro, datada de 1886. Sem título. Essa obra chegou a nós com o nome de Fazenda Valença, mas na pesquisa para a restauração descobrimos que se trata da representação da fazenda Glória do Mundo, na região próxima.


Há alguma avaliação do mercado sobre o valor do acervo palaciano?

Não, ninguém nunca fez. Mas a gente está tratando de obras que passam a ter um valor que não dá para mensurar, principalmente para o povo capixaba.

Qual o critério da escolha das obras restauradas?

O acervo tem um nível de qualidade que tem variações. A seleção para restauração considerou a gravidade do problema, a necessidade emergencial de uma intervenção, e também as obras que tinham um valor que justificava a restauração. E havia obras num estado tal que não era possível recuperar.

Há uma grande variedade de tecnologias empregadas na restauração. Qual o mais simples e o mais avançado?

A gente tem uma gama enorme de possibilidades de uso da tecnologia. Aqui no Estado a gente não dispõe de tudo da área da Ciência da Conservação. Mas utilizamos ultrassom para investigação de obra, luzes especiais como a ultravioleta, que ajuda a gente a observar intervenções anteriores e identificação de materiais, além de aplicações diversas com a luz reversa e a luz rasante. Também usamos microscópios. Mas também há materiais mais simples como cotonetes e uma trincha comum para a higienização. 



Georges Wambach



Teodoro de Bona



R. Costa



Homero Massena



Aldomário Pinto



Heitor de Pinho



Homero Massena

CAPA



Levino Fanzeres



Maria de Lurdes Gattizon



Homero Massena



H. Goltz



Com a restauração do Palácio Anchieta, os espaços de visitação ganharam iluminação adequada (2), a Sala de Achados Arqueológicos (3) e o Poço Jesuítico (4) encorajados da restauração

Restauração do Palácio Anchieta

O poço que abastecia os jesuítas do Colégio São Thiago desde o início de sua construção, em 1551, um esgrafito mouro da segunda metade do Século 16 e dezenas de objetos utilitários, como cerâmicas indígenas, louças portuguesas, vasilhames e urinóis. Da restauração do Palácio Anchieta, sede do governo do Estado do Espírito Santo, uma parte de nossa história foi revelada e está exposta à visitação pública.

A coordenadora do Espaço Cultural do palácio Áurea Lígia Miranda Bernardi integrou a equipe de coordenação da restauração do prédio e revela um pouco desse processo na entrevista a seguir. Áurea é licenciada em Artes Plásticas, bacharel em Arquitetura e Urbanismo e especialista em Gestão Pública.

Caderno D - Qual a história da restauração do Palácio Anchieta?

Áurea Lígia Miranda Bernardi - A restauração do prédio começou a ser pensada em 2003. Aí veio o projeto para captação de recursos e a Petrobras patrocinou o primeiro projeto aprovado pela Lei Rouanet. O primeiro projeto não foi aprovado pela Comissão de Governo para a restauração. Contratou-se um novo arquiteto para desenvolver a adequação interna do prédio e

esse novo uso deu origem ao Espaço Cultural aberto ao público em maio de 2009, com a exposição sobre Leonardo Da Vinci. As obras começaram em julho de 2004 e abrimos o Espaço Cultural com as obras na reta final, pois elas só terminaram em novembro daquele ano.

Esta é a primeira reforma feita no palácio?

Não, na verdade já houve várias intervenções, nenhuma tão grande quanto esta,



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br



lequada para ressaltar relíquias como o Túmulo do Padre José de Anchieta (1), a Galeria
 ntrado na escavação do pátio interno. O detalhe do esgrafito mouro (5) é um dos maiores
 , afirma Áurea Lígia (6).

Anchieta revela obras esquecidas

mas algumas chegaram a descaracterizar bastante o prédio inicial. As principais obras ocorreram neste período 2004-2009 e em 1912, após o governo de Jerônimo Monteiro comprar o prédio, separar da igreja e dar uma cara de palácio. Na última reforma, inaugurada em 2009, buscamos recuperar a tipologia adotada em 1912.

Que tipo de profissional trabalhou na restauração?

Direta e indiretamente envolveu muita

foto: Gilberto Medeiros




gente. São engenheiros, soldadores, arquitetos, artistas, restauradores, historiadores, arqueólogos, designers. A restauração não é de um profissional, não tem uma assinatura, é um trabalho coletivo.

Há algum objeto com o qual vocês se depararam durante o processo e que descobriram ser realmente um achado?

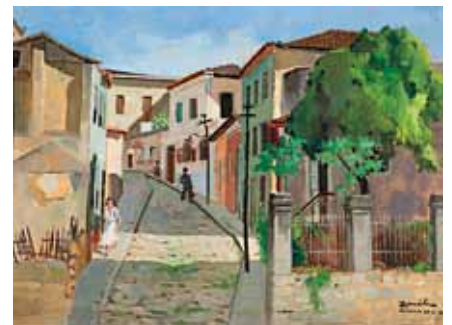
Encontramos muitos objetos, como louças portuguesas, cerâmicas indígenas, garrafas de cerveja antigas, vidros de perfume das carmelitas, bonequinhos de biscuit de 1900... é tanta coisa que ocupamos uma sala para exposição das peças. É uma viagem na história do Século 16 ao 20.

E qual a principal descoberta?

O mais emocionante para a gente foi encontrar um esgrafito, técnica moura em afresco. É uma técnica rara no Brasil aplicada no altar lateral da parede original da igreja, é um esgrafito do final do Século 16. Nós o encontramos sob as paredes de uma lavanderia do Palácio Anchieta perto do Salão São Thiago. Ali seria instalada a assessoria de imprensa, mas quando o pessoal da obra começou a trabalhar, se deparou com esse esgrafito. Outra descoberta importante foi a redescoberta do poço jesuítico, que estava aterrado e ninguém sabia a localização. Hoje fazemos as recepções ali. 



Homero Massena



Rescála



Francisco Acquarone



Homero Massena

MINHA ESTANTE

As escolhas de um

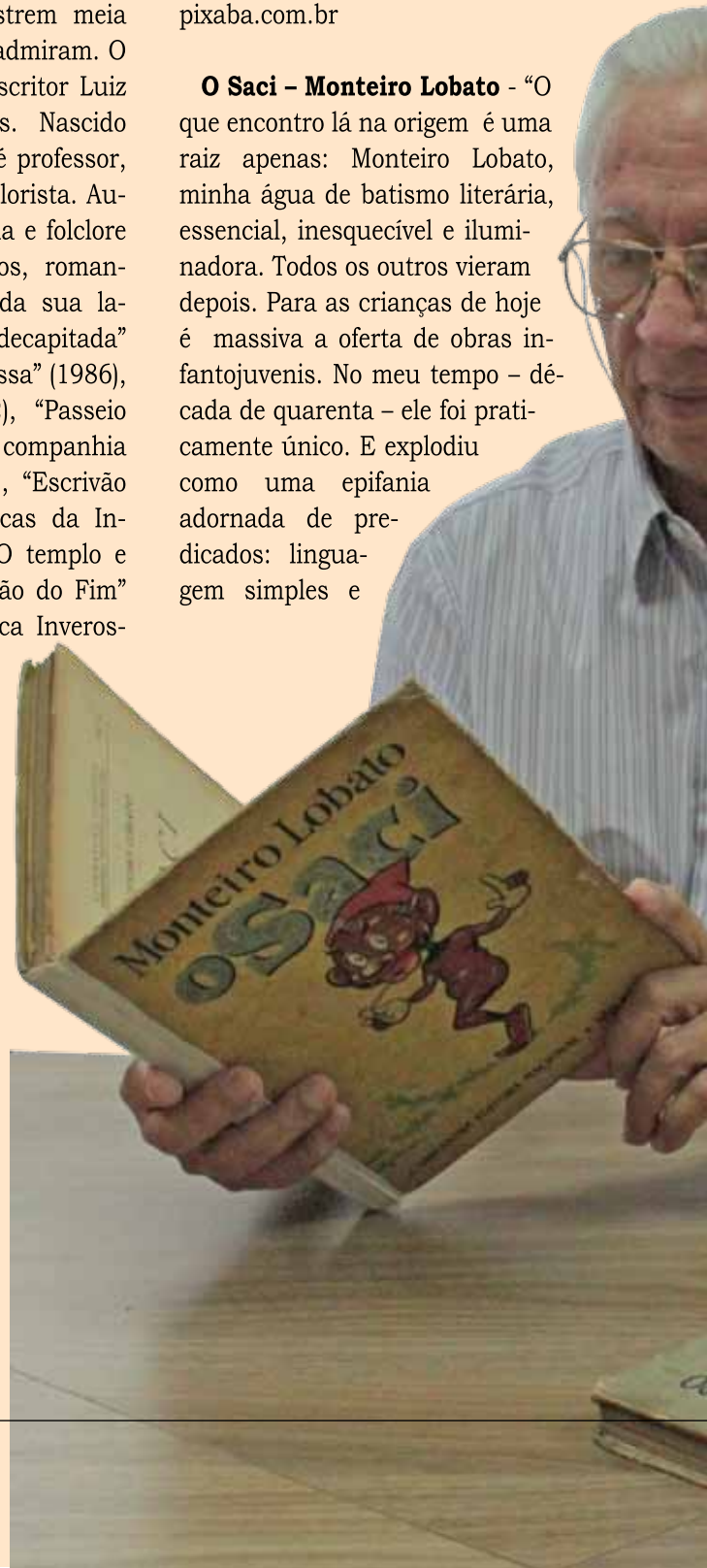
A coluna **Minha Estante** estreia no **Caderno D** com a proposta de abrir a biblioteca de personalidades capixabas para que mostrem meia dúzia de livros que mais admiram. O primeiro convidado é o escritor Luiz Guilherme Santos Neves. Nascido em Vitória em 1933, ele é professor, historiador, escritor e folclorista. Autor de obras sobre história e folclore capixabas, livros didáticos, romances, contos e crônicas, da sua obra destacam-se “A nau decapitada” (1982), “As chamas na missa” (1986), “Torre do delírio” (1992), “Passeio pelo centro de Vitória na companhia de Rubem Braga” (1992), “Escrivão da Frota” (1997), “Crônicas da Insólita Fortuna” (1998), “O templo e a força” (1999), “O Capitão do Fim” (2001), “Cidadilha, Crônica Inverossímil da Cidade Inexistente” (2008), “Memória das Cinzas” (2009). Também escreveu literatura infanto-juvenil: “História de Barbagato” (1996), “Tião Sabará”, em parceria com Renato Pacheco (1999), “Eu Estava na Armada de Cabral” (2004), “Eu Estava no Começo do Brasil” (2007), “Criquimim e D. Pedro II em Nova Almeida” (2008), “De História em História se fez Vitória” (2012), “Duas Histórias Fascinantes” (2012), e teatro: “Queimados - documento cênico”, 1977, “O Auto

do Túmulo de Anchieta, farsa à moda vicentina” (2007). Colabora nos sites tertuliacapixaba.com.br e estacaopixaba.com.br

O Saci – Monteiro Lobato - “O que encontro lá na origem é uma raiz apenas: Monteiro Lobato, minha água de batismo literária, essencial, inesquecível e iluminadora. Todos os outros vieram depois. Para as crianças de hoje é massiva a oferta de obras infantojuvenis. No meu tempo – década de quarenta – ele foi praticamente único. E explodiu como uma epifania adornada de predicados: linguagem simples e



Caê Guimarães é jornalista, escritor e poeta



mestre

clara, inventiva inigualável e lúdica, brasilidade à flor da letra, e sobretudo, um panteão de personagens como Dona Benta, Tia Nastácia, Emília, a boneca pensante e falante, e o genial e aristocrático Visconde de Sabugosa, no fundo um sabugo de milho. A literatura para crianças de Monteiro Lobato teve, quando surgiu, a força de uma semana de arte moderna, tão vigorosa e revolucionária quanto a *Semanona* de 22. Eu me beneficiei para sempre da intensidade de seus efeitos. Lobato foi o pó de pirlimpimpim para as obras

e autores que vieram depois.

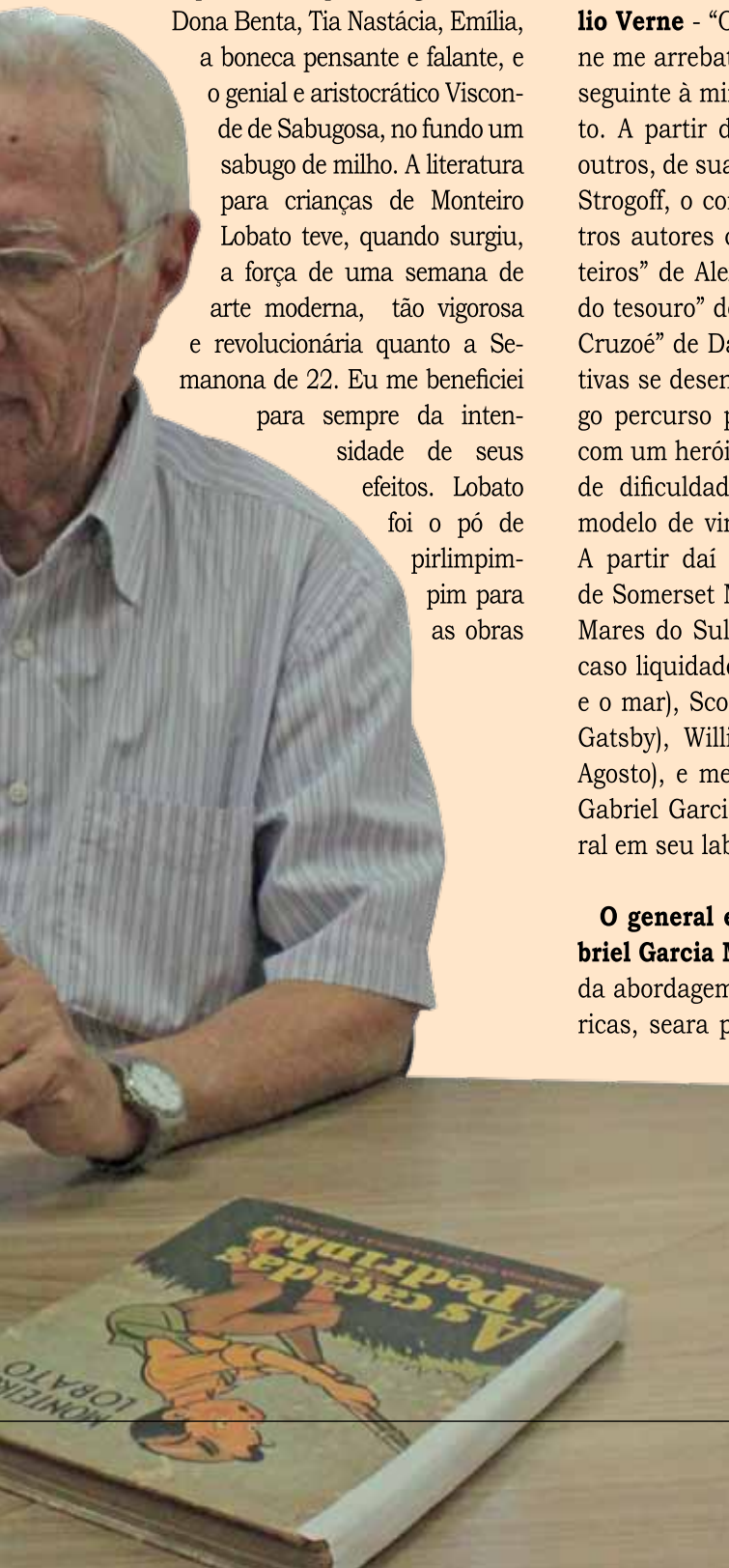
A volta ao mundo em 80 dias – Julio Verne - “O universo de Julio Verne me arrebatou já rapaz, na década seguinte à minha iniciação por Lobato. A partir deste livro naveguei em outros, de sua autoria, como “Miguel Strogoff, o correio do czar”, e de outros autores como “Os três mosqueteiros” de Alexandre Dumas, “A Ilha do tesouro” de Stevenson, “Robinson Crusoe” de Daniel Defoe. Tais narrativas se desenrolam durante um longo percurso por paisagens exóticas, com um herói suportando todo o tipo de dificuldades e obstáculos como modelo de virtude, força e coragem. A partir daí mergulhei no universo de Somerset Maugham (*Histórias dos Mares do Sul*), Graham Greene (*Um caso liquidado*), Hemingway (*O velho e o mar*), Scott Fitzgerald (*O Grande Gatsby*), William Faulkner (*Luz em Agosto*), e meu próximo destaque, o Gabriel Garcia Marques de “O general em seu labirinto”.

O general em seu labirinto – Gabriel Garcia Marques - “Gosto muito da abordagem de personagens históricas, seara pela qual me enveredei. Neste caso também admiro muito o Sarago de “O Memorial do Convento”, com seu estilo narrativo inovador, substancial e denso, sem perder a poética. No caso do Marques há

uma característica que me impressiona – a forma como começa seus romances. É instigante perceber a força de seu texto no aprisionamento do leitor nas duas páginas iniciais. Ele torna seus personagens críveis e é impossível larga-los, pois o leitor é preso e jogado no romance com uma força de concentração muito forte. E os diálogos de Marques são fantásticos”.

A longa história – Reinaldo Santos Neves - “Minha lista tem dois capixabas. No livro “A longa história”, vejo um processo parecido com “As Mil e Uma Noites”, a grande coleção de histórias e contos populares do Oriente Médio e do Sul da Ásia no século IX, um clássico da literatura mundial. Reinaldo constrói neste seu romance uma história interminável, que se desdobra em outras como um jogo de espelhos e labirintos que se entrecruzam. Destaco também o final, surpreendente, arrebatador e comovente.

Histórias curtas para Mariana M – Francisco Grijó - O outro capixaba é o Grijó, prosador vigoroso, que briga muito por sua literatura e se posiciona como escritor e tem muita lenha pra queimar. Acompanho sua carreira desde o primeiro livro de contos, “Diga Adeus a Lorna Love”, dos meados dos anos 80. E ele evolui a cada obra. Em “Histórias Curtas para Mariana M”, entrelaça histórias numa narrativa farta em crime, mistério, vingança, amor e dor. Destaque para o tempo narrativo, passado em décadas distintas na mesma cidade, Vitória. ■



LITERATURA

Histórias de *pode*

Fabício Fernandes, 37, é jornalista e escritor. Autor de 'Nome Nenhum' (Multifoco, 2011), livro composto de oito narrativas que lançam seus personagens em situações insólitas e triviais. Ao topar com a história de Rosa Helena Schorling, paraquedista, piloto de avião e de ultraleve desde a década de 1930, ele foi apenas mais um a se encantar com aquela mulher ativa, decidida e linda.

Tamanho magnetismo rendeu-lhe uma legião de apaixonados e o mais famoso deles é o então presidente Getúlio Vargas, que não conteve esforços para conquistá-la e deu-lhe de presente um avião.

Caderno D - De quem foi a iniciativa de escrever o livro?

Fabício Fernandes – Eu tive a iniciativa de procurar a Rosa Helena há uns quatro anos, depois de conhecer a história dela, que foi citada no livro do Rogéria Duarte chamado 'Nossa gente contando história'. Aí fui pesquisar, encontrei mais referências em outros livros e outras fontes. Juntei material e fui até ela.

E o que ele achou da ideia?

Ela não queria que eu escrevesse o livro. Ela não me conhecia e não confiava em mim, tive de convencê-la. Levei um ano para conseguir.

E os fatos que marcaram sua apuração? Algum caso?

O pai dela foi morto com cinco tiros por um dentista na década de 1950 e a trajetória dela como paraquedista foi interrompida ali. Para contar essa história eu fui buscar o processo no Fórum de Domingos Martins, mas a juíza da época contou que o processo estava perdido e que alunos da Ufes já haviam procurado, sem sucesso. Então disse para ela me "emprestar" um de seus funcionários mais antigos que eu tentaria uma vez e conseguimos!

Por que 'Além da Folha de Vento'?



Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro

Mais leve que

Num tempo em que as mulheres estavam circunscritas ao trabalho doméstico e aquelas que ultrapassavam os muros de casa se tornavam no máximo professoras do primário, Rosa Helena Schorling Albuquerque atravessou a quebrar tabus e superar os homens em muitos de seus campos de domínio. Ainda na década de 1930 já pilotava aviões – foi a oitava brasileira a obter o brevê, datado de 1938 – e no primeiro ano da década seguinte tornou-se a primeira mulher paraquedista do Brasil e enfermeira da Cruz Vermelha.

Os carros, já dirigia profissionalmente desde os dozes anos de idade. Casou-se aos quarenta com um tenente do Exército depois de ter sido a paixão secreta de Getúlio Vargas por cerca de um ano e meio, conforme ela confessou a Jô Soares em 1995, no programa Jô Onze e Meia, no SBT. Apaixonado, o presidente lhe presenteou com um avião.

O pai de Rosita, como ela é chamada pelos amigos, João Ricardo Hermann Schorling era engenheiro mecânico e foi um dos construtores do relógio da Praça Oito, em Vitória. Antes de mudar-se da Alemanha para o Espírito Santo, no entanto, João era mestre baloneiro. Ele criou uma peça do mecanismo de retirar os

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Fotos: Acervos pessoais

É que o pai da Rosa era envolvido com o sonho de o homem voar num balão. Então ele construiu uma peça que tirava os balões do chão e batizou de 'folha de vento'. Então ela herdou esse desejo de voar e se tornou piloto e paraquedista. Ela foi além do sonho do pai, além da folha de vento. O Espírito Santo é um lugar de narrativas muito violentas, e a história dela é diferente, é uma história de afeto, uma história de poder, mas do poder da mulher, poder que pouco se fala.

Qual o próximo passo?

Foi iniciativa do Diário Oficial do Esta-

do do Espírito Santo reeditar esta que é a terceira edição do livro em menos de dois anos. Lancei a primeira em 2012 pela Edufes, depois fiz mais uma edição com apoio da Lei Rubem Braga e lançamos em julho deste ano a terceira edição e comemoramos o aniversário de 94 anos dela juntos. O próximo passo é fazer um documentário. O livro está nas mãos de um cineasta capixaba, mas se ele não fizer o filme, eu mesmo quero fazer.



o ar

balões do chão que batizou como 'folha de vento' - daí o nome do livro.

De certa forma, o desejo de voar já estava em Rosita quando ela avistou o dirigível alemão Graf Zeppelin (LZ 127) cruzando o céu de Vitória. Fonte de inspiração, o pai também apoiava as estripulias da filha.

A história completa de Rosa Helena Schorling, 94, foi contada em livro pelo jornalista Fabricio Fernandes, 37, e ganhou nova edição patrocinada pelo DIO - que publica este Caderno D.

**Saiba mais na internet:
Rosa Schorling: Além da Folha de Vento**

- Página oficial do livro: www.rosahelenaschorling.jux.com
- Facebook: Rosa Helena Schorling - Além da Folha de Vento
- Entrevista de Rosa Schorling no programa 'Jô onze e meia', em 1995, disponível no YouTube: <http://youtu.be/9OJjQtBQipc>
- Entrevista de Fabricio Fernandes no programa 'Um dedo de prosa', da TV Assembleia, disponível no YouTube <http://youtu.be/Zudx1EwDNKA>
- Página do autor: www.fabriciofernandes.jux.com
- Página do livro de contos 'Nome Nenhum' (Multifoco), também do autor www.nomenenhum.jux.com
- Blog do autor: <http://narrativasnovel.wordpress.com/>

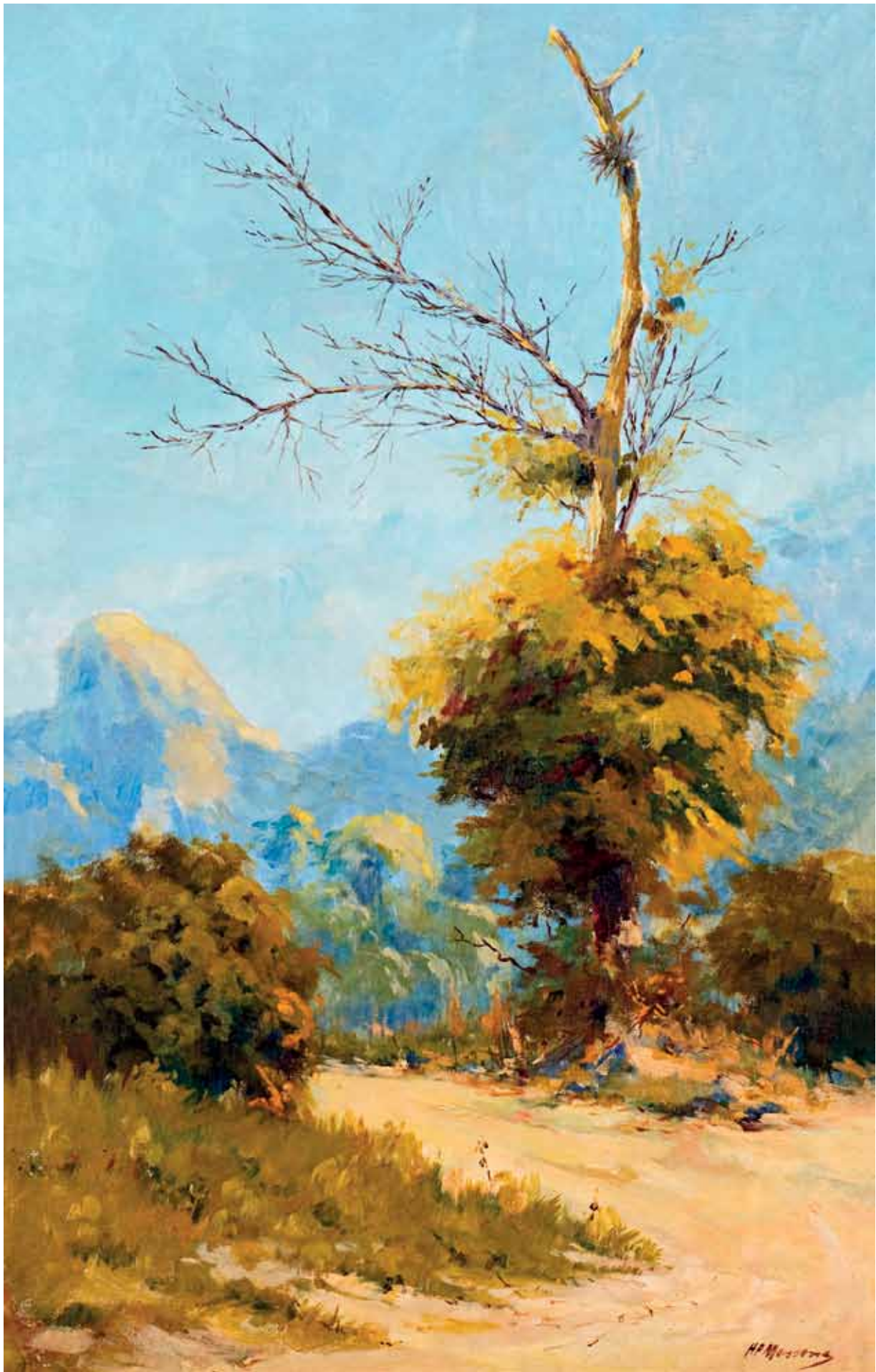


foto Secult

Óleo de Homero Massena / Acervo Palácio Anchieta